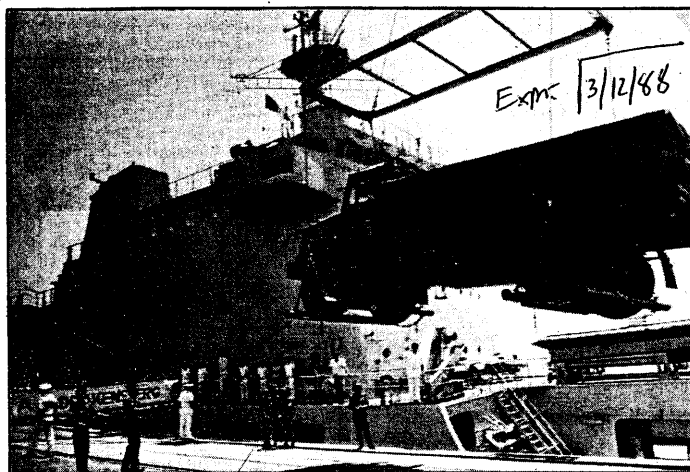


Moçambique: o amigo sul-africano

EM PARALELO ao seu empenhamento nas negociações quadripartidas sobre a paz para Angola e a Namíbia, a África do Sul lançou, nos últimos meses, uma ofensiva diplomática, que tem por principal destinatário o mundo ocidental e por principais "beneficiários" alguns países africanos. Entre estes, em primeiro plano, surge Moçambique, onde, na segunda-feira, um navio de abastecimentos do Exército de Pretória fez entrega, no porto da Beira, de uma remessa de "equipamento militar não letal" (veículos, aparelhagem de rádio, uniformes, medicamentos e alimentos). Este material constitui o primeiro envio, de um pacote de auxílio, no valor de 4,2 milhões de dólares, previsto nos acordos entre a África do Sul, Moçambique e Portugal, assinados em meados de Setembro, em Lisboa, tendo em vista a protecção da barragem de Cahora Bassa e das suas vias de escoamento de energia eléctrica.

A África do Sul, que, em Lisboa, se comprometeu também a dispendir 14,6 milhões de dólares na reparação das linhas de alta tensão e jorres — sabotadas, nos últimos cinco anos, pela guerrilha da oposição moçambicana, Renamo —, deverá proceder, ainda este ano, à entrega de uma segunda remessa de equipamento destinado ao Exército da Frelimo, estando previsto que o terceiro envio deste tipo se verifique em Março do próximo ano.

No entanto, ao contrário do que possa parecer, nem tudo são rosas entre Maputo e Pretória. De facto, logo na quarta-feira, a agência oficial de informação de Moçambique veiculava declarações de um desertor da Renamo, Chivaca João (que, em Lisboa, chefiava o Departamento de Organização e Mobilização), segundo as quais a organização continua a receber apoio sul-africano. Chivaca João disse ainda que a África do Sul continua a fornecer meios de desembarque de material destinado à Renamo na costa moçambicana. O ex-responsável do movimento de guer-



O "equipamento militar não-letal", no valor de 4,2 milhões de dólares, que Pretória vai fornecer a Moçambique para proteger Cahora Bassa dos ataques da Renamo começou a chegar nesta semana à Beira

rilha, que também já integrou os serviços secretos de Maputo, adiantou que, em Outubro, o presidente da Renamo, Afonso Dlakama, utilizara o território sul-africano como ponto de passagem na viagem que fez à Alemanha Federal, onde se realizou um encontro de representantes da organização no estrangeiro.

Segundo o semanário português "Independente", o nome de Chivaca João — o segundo homem da Renamo em Lisboa a entregar-se às autoridades moçambicanas, beneficiando assim de uma amnistia em vigor até ao próximo dia 31 — constaria de uma lista de seis nomes de activistas da organização em

Portugal a manter sob vigilância depois do assassinato de Evo Fernandes, em Abril.

Prudência e diplomacia

Para além da publicidade dada por Maputo às declarações de Chivaca, as autorida-

des moçambicanas — que também têm levado a cabo uma ofensiva diplomática visando mostrar ao Ocidente a sua disponibilidade negociadora — mostraram-se cautelosas nas últimas etapas das negociações com Pretória.

Quando, em 15 de Setembro, no termo de um périplo que o levou a diversas capitais europeias, à Costa do Marfim, ao Zaire e ao Malawi, o Presidente Pieter Botha visitou Moçambique, Joaquim Chissano recebeu-o em Songa e não em Maputo, como pretendia a diplomacia sul-africana.

Por outro lado, alguns observadores consideram "não ser estranho" a África do Sul auxiliar o Exército governamental de Moçambique, enquanto facções ligadas aos militares continuam a apoiar materialmente a Renamo.

Para estas fontes, o facto será o resultado de divergências no seio da própria sociedade sul-africana: o Presidente e alguns membros do seu Executivo, nomeadamente o ministro dos Estrangeiros Roelof "Pik" Botha, apostariam no termo do isolamento da África do Sul, nos planos mundial e continental, enquanto os militares preferiram continuar a desestabilizar

Moçambique através das actividades de guerrilha. Um auxílio simultâneo aos dois lados inserir-se-ia, adiantam, na linha das violações registadas ao acordo de Nkomati, assinado em 1984 entre Botha e o então Presidente moçambicano, Samora Machel, e pelo qual Pretória se comprometia a deixar de apoiar a Renamo.

Em larga medida responsável pela grave situação económica de Moçambique, segundo um relatório do Departamento norte-americano de Estado divulgado em Abril, a Renamo matou cerca de 100 mil civis moçambicanos e provocou a fuga do país de perto de um milhão de pessoas.

Para já, é indiscutível que o regime de Pretória capitalizou alguns dividendos da sua ofensiva diplomática e o estatuto de potência regional da África do Sul ficará reforçado no momento em que as tropas cubanas comecem a retirar de Angola.

No que se refere a Moçambique, resta saber em que medida a ajuda sul-africana irá influenciar o curso da guerra civil.

F.B.